



O PAPEL DOS SOVIÉTICOS E CHINESES NO ORIENTE MÉDIO

Edward E. Azar

Professor de Ciência Política na Universidade da Carolina do Norte (Chapel Hill). Autor de "Sonda para a Paz: Hostilidades entre Pequenos Estados, 1973" e de numerosos artigos sobre relações internacionais e sobre o Oriente Médio.

A tradução do presente artigo, publicado em "Problems of Communism, May-June 1979" é do Cel. Ney Eichler Cardoso.

Durante os anos 70 e, particularmente, na última parte da década, os papéis da URSS e da China no Oriente Médio diminuíram visivelmente. Nenhum dos dois, por exemplo, teve participação ativa na modelagem do processo de paz entre o Egito e Israel. Ao mesmo tempo, pelo menos Pequim já não tem seus laços com a Organização para Libertação da Palestina tão cerrados como eram. Embora os regimes no Iraque e na Síria supostamente tenham tendências pró-soviéticas e compartilhem com Moscou da forte oposição ao novo tratado de paz egípcio-israelense, a URSS parece estar perdendo influência nos dois países. Este estado de coisas tem sido particularmente pronunciado no Iraque. Não somente a dependência econômica de Bagdá em relação à União Soviética tem decrescido dramaticamente desde o início dos anos 70, mas também o dominante Partido Baath tem conflitado com o Partido Comunista local devido aos esforços comunistas para se organizar dentro do exército e do funcionalismo civil, bem como devido à política agrária do regime. O Partido Comunista, entretanto, continuou a ter sua representação na coalizão governamental dirigente¹. No Irã, que parecia vulnerável à ingerência soviética e maduro para o estabelecimento de um regime pro-soviético quando da destituição do Xá, em janeiro de 1979, a República Islâmica do Aiatolá Ruhollah Khomeyni demonstrou, até agora, ser muito menos amigável com a URSS que o governo do Xá. Em relação à Arábia Saudita, tem havido indícios que a oposição comum de Moscou e Riyad ao tratado egípcio-israelense pode estabelecer as bases de relações comerciais soviético-sauditas pelo menos melhoradas, mas este de-

1) Ver David Lynn Price, "Moscow and the Persian Gulf" in "Problems of Communism" (Washington, DC), March-April 1979, pg. 78.

envolvimento ainda terá de ocorrer. Na verdade, a família real saudita permanece fortemente hostil ao comunismo². No balanço, portanto, a URSS e a China não aparecem tão importantes na política do Oriente Médio de hoje como o eram nos anos de 1960.

Esta situação levanta um certo número de questões. Que fatores levaram à diminuição do papel das duas potências comunistas no Oriente Médio? Estes fatos são temporários ou mais duradouros? À vista deles, quais as perspectivas para os papéis da URSS e da China nos assuntos do Oriente Médio nos próximos anos? É para estas questões que o presente artigo voltar-se-á.

Na busca de explicações para o declínio da influência soviética e chinesa na região, pode-se identificar duas causas básicas. Primeiro, houve mudanças substanciais na política global nos anos de 1970. Isto inclui fatos como a "detente" entre a URSS e os Estados Unidos e a aproximação entre estes e a China, a influência crescente dos países produtores de petróleo nos negócios mundiais e o aumento da competição entre as potências ocidentais pelos recursos e mercados. Segundo, tanto soviéticos como chineses tem demonstrado falta de habilidade e de vontade em responder às necessidades e à dinâmica do Oriente Médio. Estas deficiências têm sido particularmente manifestas em relação aos dois problemas mais sérios da área, isto é, o conflito árabe-israelense e o desenvolvimento econômico da região. Ambos os fatores gerais requerem um exame com certo pormenor.

ALTERAÇÕES NA POLÍTICA GLOBAL

Para o propósito de analisar as recentes mudanças na política internacional, é útil distinguir três períodos gerais na era pós-2ª Guerra Mundial. Eles são: (a) 1945-62, o período da guerra fria intensa; (b) 1963-73, o arrefecimento ou período de transição; (c) 1974 até o presente, o período político-econômico e da "detente".

O primeiro período era caracterizado pelo conflito altamente ideológico. Embora os principais atores se engajassem em cálculos de equilíbrio de poder ao conduzirem suas políticas externas, estes cálculos não seguiam as linhas da "*Real politik*". Isto é, as predisposições ideológicas, *mais* do que os critérios "racionais", os guiavam³. A explicação deste estado de coisas é bastante simples. A 2ª Guerra Mundial tinha elevado dois países anteriormente periféricos, com engajamentos ideológicos vastamente diferentes — os Estados Unidos e a URSS — à dominância do novo sistema internacional que substituiu o sistema pré-guerra. Em tais circunstâncias, dificilmente causaria surpresa se as duas potências confiassem em seus pontos de vista ideológicos ao determinar seu comportamento político na arena global.

2) Ver *ibidem*, pg. 11-12.

3) Para discussão adicional, ver Ole Holsti, "The Belief System and National Images" in James N. Rosenau, Ed., "International Politics and Foreign Policy", New York, N.Y., Free Press, 1969 pg. 543-50; Robert C. Tucker, *The Soviet Political Mind*, New York, N.Y., W. W. Norton and Company, Inc., 1971.

O novo sistema internacional não era, porém, inteiramente original. Na verdade, a característica mais importante dos primeiros anos de guerra fria foi a preocupação constante com a Europa por parte dos dois atores principais do sistema. Ambos, EUA e União Soviética, concentraram sua atenção em estabilizar suas posições nas respectivas porções da Europa que dominavam e a maior disputa entre eles era sobre a presença americana em Berlim. Com a Europa sendo o principal campo de batalha da guerra fria, os países do Oriente Médio permaneceram apenas com interesse marginal para as duas potências.

Aí por 1962, entretanto, EUA e URSS tinham, em grande parte, se recuperado dos efeitos da 2ª Guerra Mundial e estavam bastante confiantes na estabilidade da Europa, com exceção de Berlim. Além disso, a crise desta cidade no fim de 1961 e a dos mísseis cubanos de 1962 ensinaram aos dois estados uma importante lição: *evitar o conflito direto a qualquer preço*. Com a absorção deste princípio, a interação da guerra Fria entrou em uma nova era⁴.

Nesta, cada um dos países, a despeito da retórica, tendia a aceitar o outro como uma legítima superpotência no sistema internacional e sua interação começou a assumir a aparência de uma balança de poder no sentido clássico da *Realpolitik*. Quando o ambiente, as regras e a estrutura do sistema global revisto se tornaram claros, a necessidade do recurso às noções de anti-comunismo ou anti-capitalismo como um guia para a ação diminuíram. Na verdade, as mudanças de pessoal em ambos os países refletiam esta situação, porque os tecnocratas da segurança nacional, que percebiam o mundo dentro de estruturas conceituais pelo menos algo semelhantes, cada vez mais substituíam os ideólogos nas áreas chaves da política externa nos dois estados⁵. Embora o conflito não tivesse desaparecido, era geralmente do tipo realista-político, em vez do ideológico-político. Além disso, o conflito tendia a ser indireto, isto é, realizado por meio de procuradores e clientes.

A cisão formal China—URSS, em 1963, serviu para reforçar as tendências que definiam a nova era. Ao colocar soviéticos e chineses em disputa pública, ela posteriormente erodiu a coerência das divisões ideológicas como uma base para os cálculos da política externa. Ademais, a China demonstrou rapidamente uma inclinação a expandir sua luta com a União Soviética ao competir pela influência em outros estados — notavelmente, no Terceiro Mundo.

Estas relações modificadas entre as maiores potências transformaram o Oriente Médio, de uma arena de interesse periférico para eles, em parte do campo de batalha onde se chocavam. Todos os três, e especialmente os EUA e a URSS, concentraram-se em conquistar os "espíritos e corações" do povo e, talvez de mais importância, dos governos da região. Para compreender os políticos americanos, so-

4) Douglas Nelson, "The Cold War System", tese de mestrado inédita, Universidade da Carolina do Norte, Chapel Hill, 1978.

5) R. J. Barnett, "Roots of War", New York, N.Y., Random House, 1972; David Halberstam, "The Best and the Brightest", New York, N.Y., Random House, 1969; Daniel Yergin, "Shattered Peace", Boston, MA, Houghton Mifflin, 1977.

viéticos e chineses na área, é importante reconhecer que a lógica do envolvimento durante este período era predominantemente política e, não, econômica. Assim, programas de ajuda e desenvolvimento — embora ostensivamente “econômicos” por natureza — eram orientados mais para produzir governos cordatos do que para melhorar as condições econômicas da região ou obter acesso a matérias-primas ou mercados. Em última análise, é simplesmente destituída de crédito a visão do envolvimento inicial americano em Israel e do envolvimento inicial soviético no Egito, por exemplo, como o resultado do determinismo econômico — especialmente quando a lógica política é tão clara.

Antes que os anos de 1960 transcorressem, contudo, o sistema internacional estava uma vez mais transpondo o limiar de importantes alterações. Os primeiros sinais vieram com a guerra árabe-israelense de junho de 1967 e com a ofensiva do Tet no Vietname, em 1968, mas os símbolos reais da mudança foram a inauguração da “détente” soviético-americana em 1972 e o embargo do petróleo pelos estados produtores árabes em 1973. Especialmente como a necessidade de matérias-primas importadas crescia nos estados industriais ocidentais e como efetivamente os mercados internos, pelo menos para alguns tipos de seus produtos, já não mais eram suficientes para assegurar a expansão ou, em certos casos, mesmo a manutenção dos níveis de produção, as questões econômicas tornavam-se mais e mais centralizadas pelas áreas decisórias no que concernia à política internacional. De fato, a competição político-econômica entre os países industriais ocidentais emergiu, talvez, como uma ameaça à sobrevivência da ordem política nesses países tão importante como a política-militar das potências comunistas e, especialmente, da URSS. Esta competição intensificada por recursos e mercados até agora realmente não se estendeu à União Soviética e à China. Embora as potências comunistas necessariamente não possuam maior riqueza de recursos naturais, em sentido absoluto, que os estados ocidentais, o crescimento da demanda interna, de um modo geral, não atingiu ainda ponto em que exceda dramaticamente os recursos imediatamente disponíveis. Além disso, o mercado doméstico ainda está bem longe de ficar saturado com a produção local, reduzindo assim a pressão pela busca de mercados externos para aquela produção⁶.

A nova situação global afetou notavelmente o Oriente Médio. Já que a atenção para as considerações econômicas cresceu no Oeste, as nações do Oriente Médio que representavam fontes básicas de matérias-primas ou mercados potenciais obtiveram a oportunidade de funcionar no sistema internacional mais como atores independentes e menos como peões no jogo de poder dos atores principais. Além disso, a economia tornou-se o fator primordial na dinâmica da interação política dos países do Oriente Médio com as potências de fora da área.

Neste contexto geral, a relevância da URSS e da China para a área inevitavelmente declinou. Por um lado, o baixo nível de preocupação de soviéticos e chineses com a procura de fontes de matérias-primas e mercados para os produtos cho-

6) Robert W. Campbell, “The Soviet — Type Economies: Performance and Evolution”, Boston, MA, Houghton Mifflin, 1974.

cou-se com a importância crescente da economia na modelagem das relações dos países do Oriente Médio com o resto do mundo. Por outro lado, o aumento da capacidade de pelo menos alguns dos estados do Oriente Médio para perseguir seus objetivos de maneira independente nos negócios internacionais diminuiu sua necessidade de apoio político e militar de grandes potências como a URSS e a China.

INTERAÇÕES NO ORIENTE MÉDIO

Para obter um retrato pormenorizado do efeito destas modificações do sistema global sobre as relações da URSS e da China com o Oriente Médio desde a 2ª Guerra Mundial e, especialmente, nos anos de 1970, é essencial observar, através dos anos, os padrões dos países-chave do Oriente Médio com a União Soviética, China e Estados Unidos. As tabelas 1 e 2 apresentam estes padrões de forma estatística. Na primeira tabela, os dados cobrem o comportamento das três maiores potências em relação ao Egito, Síria, Iraque, Israel e Irã; na segunda tabela, eles tratam do comportamento destes cinco países do Oriente Médio em relação às três maiores potências.

Talvez umas poucas palavras de esclarecimento olhando as tabelas fossem adequadas antes de examinarmos suas implicações. Com base no registro das interações diárias entre 135 países, de 1948 até hoje, que é mantido no Banco de Dados de Paz e Conflito (COPDAB) na Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, compilei as interações médias anuais do tipo conflituoso e de natureza cooperativa para cada um dos três grandes períodos discutidos acima. Como acréscimo, decompos essas interações conflituosas e cooperativas em função dos domínios gerais onde ocorreram — isto é, nos campos econômico, político, militar e cultural — científico-tecnológico⁷.

7) O Banco de Dados de Paz e Conflito (COPDAB) contém informações sobre mais de 350.000 eventos individuais cobrindo os anos de 1948 a 1979. Esta informação constitui o registro disponível publicamente sobre ações domésticas e internacionais de cerca de 135 países sobre algum outro. É retirada de cerca de 50 fontes internacionais e regionais tais como jornais, cronologias, documentos governamentais, relatos históricos etc. A coleção do COPDAB é o trabalho de 12 anos de numerosas pessoas sob a direção do professor Edward P. Azar no Departamento de Ciência Política da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill. Cada ação doméstica ou internacional identificada das fontes foi codificada em registros de memória de computador de acordo com os seguintes critérios: (1) a data (ano, mês e dia do evento); (2) o ator (quem iniciou o evento); (3) o alvo (o objeto do evento); (4) a fonte (onde a descrição do evento foi encontrada); (5) a atividade (o ato físico ou verbal que um ator iniciou); (6) o tipo de evento (se o evento refere-se a assuntos políticos, militares, econômicos ou de outro tipo); (7) a intensidade do evento (a cada evento é atribuído um valor de uma escala que varia do conflito muito elevado a uma cooperação muito elevada); e (8) a área da questão (a substância do evento). Pormenores sobre os procedimentos para coleta e gerência dos dados podem ser obtidos com o Prof. Azar na Universidade da Carolina do Norte. Além disso, o Livro-Código e Manual do Usuário do COPDAB (1978) está disponível mediante pedido. Numerosos artigos foram escritos descrevendo a coleta de dados e os tipos de controle de qualidade empregados pelo estado-maior do COPDAB. Estes também estão disponíveis mediante pedido. Todos os dados estão para ser agregados em bases inter e intranacionais anuais e tornados disponíveis por intermédio do Consórcio Inter-Universitário para Pesquisa Política na Universidade de Michigan dentro de um ano a partir de junho de 1979.

TABELA 1
Interações Anuais Médias da URSS, RPC e EUA com Estados Selecionados do Oriente Médio, 1948-1978

Ator	Egito			Síria			Iraque			Israel			Irã			
	Ec	Pol	Mil	Cult	Ec	Pol	Mil	Cult	Ec	Pol	Mil	Cult	Ec	Pol	Mil	Cult
URSS																
Interações																
Conflituosas																
1948-62	20	8			3			16					57			
1963-73	18	8			5	3		40					106	7	4	
1974-78	3	88	12		23			7					67			
Interações																
Cooperativas																
1948-62	58	48	28	64	20	26	20	15	23	10	6	47	5	7		1
1963-73	88	123	80	88	30	49	50	49	40	27	12	34	5	16		4
1974-78	15	64	33	22	28	65	46	1	55	20	13	31	2	20	1	5
RPC																
Interações																
Conflituosas																
1948-62		8														
1963-73		6												96	3	
1974-78														3		
Interações																
Cooperativas																
1948-62	19	10	2	4	5	3			7	3		1				
1963-73	32	61		6	32	4	4	9	16	15		4		2		
1974-78	31	7	6						11					3		
EUA																
Interações																
Conflituosas																
1948-62	13	91	8			23	6		2	9	4	3	10	54	10	3
1963-73	16	122	3	8		44		2	3	15	3		5	75	4	3
1974-78		28				29				8		1	18	128	39	8
Interações																
Cooperativas																
1948-62	94	78	5	37	22	58	3	14	11	22	25	14	87	82	23	50
1963-73	41	74	6	36	3	10	4	7	25	8	3	18	61	122	106	38
1974-78	225	388	52	59	53	74		1	2	6	6		66	214	174	38

FONTE E METODOLOGIA: Ver a nota na conclusão da Tabela 2.

Assim, os Algarismos fornecem-nos Índices dos tipos bem como a intensidade da interação.

Os dados das tabelas permitem várias generalizações extensas sobre as interações da URSS e da China com os países do Oriente Médio desde a 2ª Guerra Mundial. Somente durante o período de 1963-1973 os chineses desempenharam algum papel visível na área e, mesmo então, este foi marginal. Embora o papel dos soviéticos tenha sido muito mais pronunciado que o dos chineses, foi caracterizado por altos e baixos. Especialmente em toda a região, nem a China, nem a URSS parecem ter sido tão ativas ou influentes como os Estados Unidos.

Além disso, a União Soviética e a China tenderam a dar apenas provas de cooperação quantas tivessem recebido dos estados do Oriente Médio, ao passo que os Estados Unidos tenderam a dar provas de cooperação mesmo para aqueles estados que lhes haviam dado as de caráter conflituoso. Esta diferença parece ter suas raízes na vantagem que a URSS e a China obtiveram por não estarem sujeitas a sentimentos anti-imperialistas generalizados por parte dos povos do Oriente Médio. Ambas as potências estavam relativamente livres de laços com a velha ordem colonial no Oriente Médio, demonstraram, pelo menos, hostilidade verbal a Israel e se juntaram a alguns governos do Oriente Médio em campanhas anti-EUA e anti-ocidentais. A situação dos Estados Unidos, em contraste, foi muito mais complexa. Por um lado, os Estados Unidos queriam assegurar a estabilidade dos regimes pró-ocidentais e melhorar suas relações com os regimes neutros e anti-ocidentais. Mesmo se não tivessem sido capazes de melhorar suas relações com os regimes anti-ocidentais, teriam preferido a estabilidade ao caos nos seus países. Estes objetivos os impeliram a colocar grande ênfase nas mensagens e atividades cooperativas em relação ao Oriente Médio. Por outro lado, certo número de estados do Oriente Médio inclinou-se a perceber a presença dos EUA na área dentro da estrutura de sua batalha de longa data com o Oeste avançado, industrializado e imperialista. Assim, eles demonstraram hostilidade para com os Estados Unidos não somente porque estes tivessem perseguido políticas específicas na região, mas também porque eles viram suas atividades como equivalentes nos dias modernos às dos imperialismos franceses e britânicos dos velhos tempos.

Deve ser salientado, contudo, que nos últimos anos esta vantagem da URSS e da China tem diminuído, particularmente no caso da primeira. Desde 1967 especialmente, a União Soviética tornou-se o alvo de uma boa dose de hostilidade de parte das regiões do Oriente Médio. Isto parece originar-se de crescente oposição ao comunismo, temores do imperialismo soviético e, mesmo, ressentimento da dominância da superpotência.

Finalmente, o papel da URSS no Oriente Médio no decorrer dos anos tem dependido fortemente das interações no campo militar. Especificamente, ele tem estado estreitamente ligado aos empreendimentos de Moscou no sentido de satisfazer as necessidades militares de alguns estados e grupos políticos árabes. Esta ligação, deve-se salientar, tem ocasionado, na longa trajetória, diversos inconvenientes para a União Soviética. Em virtude de grande porte do envolvimento Soviético na

TABELA 2
Interações Anuais: Médias de Estados Selecionados do Oriente Médio com a URSS, RPC e EUA, 1948-78

Alvo Ator	Egito			Síria			Irã			Israel			Ind					
	Ec	Pol	Cult	Ec	Pol	Cult	Ec	Pol	Cult	Ec	Pol	Cult	Ec	Pol	Cult			
URSS Interações Conflituosas 1948-62 1963-73 1974-78	17	1	6	15	2	2	16	—	—	4	44	12	2	1	73	20	—	
	23	23	—	5	—	—	28	—	8	7	100	47	1	—	6	2	—	
	30	120	46	8	5	—	3	—	—	3	37	33	—	—	9	—	—	
	53	41	35	36	12	6	15	2	19	8	11	1	1	26	27	2	5	
	63	89	52	48	83	36	11	43	35	9	6	14	4	50	13	4	9	
RPC Interações Conflituosas 1948-62 1963-73 1974-78	26	78	11	24	48	—	60	22	8	—	14	—	—	33	5	—	7	
	2	9	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
	—	4	2	—	—	—	—	—	—	—	3	—	—	—	3	—	—	
	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
	21	13	—	5	5	—	5	6	—	—	1	—	—	—	—	—	—	
EUA Interações Conflituosas 1948-62 1963-73 1974-78	31	29	—	11	21	10	20	13	4	—	2	—	—	4	10	—	1	
	26	3	25	—	—	—	22	3	—	3	3	—	—	6	7	—	1	
	15	100	8	3	97	12	2	43	1	3	82	7	—	7	38	6	—	
	20	244	45	9	128	9	31	66	3	3	53	18	—	2	15	—	—	
	—	41	7	6	50	31	1	43	—	—	2	131	30	5	8	46	9	
Cooperativas 1948-62 1963-73 1974-78	61	60	6	10	18	3	12	22	9	6	86	94	22	13	50	29	30	2
	29	54	10	17	7	3	13	7	—	5	28	81	46	10	18	17	29	1
	75	180	24	26	18	67	2	4	—	—	33	136	36	25	48	14	25	6

FORNE E METODOLOGIA: Originado de dados de Edward E. Azar no Banco de Dados de Paz e Conflito na Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill. As quantidades acima são médias anuais ponderadas pelo ator com um procedimento que multiplica a frequência anual dos eventos econômicos, políticos, militares e cultural-científico-tecnológico por sua respectiva intensidade. Este procedimento fornece ao pesquisador uma medida anual de quanto de cooperação dentro destas categorias um país detém ao longo do tempo.

região ter sido no setor militar e com um número de profissionais bastante pequeno, poucas pessoas na região, mesmo hoje, estiveram expostas à competência tecnológica Soviética — para não dizer a nada de sua vida, cultura, história, política, sociedade, língua etc. Conseqüentemente, para as pessoas mais influentes do Oriente Médio, a URSS evoca imagens de pobreza, mau acabamento, opressão excessiva, pobre qualidade de vida, baixa produtividade e ateísmo inaceitável. Além disso, as transferências de equipamento militar, e negócios de uma maneira geral, não fizeram muito para gerar atitudes positivas em relação aos soviéticos nas sociedades do Oriente Médio. Muitas pessoas, politicamente alertas, consideraram as relações de dependência resultantes como manifestações de exploração e neo-imperialismo.

Com relação aos países do Oriente Médio individualmente, tem havido algumas variações dignas de comentário. No que concerne ao Egito, o nível atual médio de comportamento conflituoso soviético, no campo político, cresceu cinco vezes no período a partir de 1973, ao passo que o do comportamento cooperativo caiu para a metade. Houve também quedas significativas nos níveis de comportamento cooperativo soviético nos campos econômico, militar e cultural-científico-tecnológico. De uma maneira mais ou menos assimétrica, o comportamento no campo político e nos outros campos elevou-se substancialmente, embora em grau inferior ao do político. Ademais, o comportamento cooperativo egípcio para com a URSS declinou em todos os campos. A interação entre o Egito e a China ao longo dos anos tem sido bem menos extensa que entre ele e a URSS. Não obstante, é importante sublinhar que em comparação a interação cooperativa decresceu no campo político e cresceu no campo militar no período pós-1973.

Para situar estes dados sobre as relações soviéticas e chinesas com o Egito dentro de alguma perspectiva, é essencial conservar na memória as maiores alterações que ocorreram nas relações do Egito com os Estados Unidos. Na verdade, o propósito destas mudanças pode conduzir um observador a sugerir que elas marcam o desenvolvimento político mais importante da história contemporânea do Oriente Médio. A interação conflituosa entre os dois países caiu a níveis basicamente insignificantes no período desde 1973. Ao mesmo tempo, a interação cooperativa cresceu de uma maneira raramente vista nas relações Oriente Médio—superpotências. O nível anual médio de tais comportamentos dos EUA em relação ao Egito saltou cinco ou mais vezes em cada um dos campos econômico, político e militar enquanto que no cultural-científico-tecnológico aumentou 100%. Como prova disso, o nível anual médio de comportamento cooperativo egípcio para com os Estados Unidos subiu cerca de 200% nos três primeiros campos e 100% no quarto. Houve, em suma, um crescimento relativo e absoluto impressionante na cooperação americano-egípcia sobre um largo espectro de assuntos básicos de natureza regional e bilateral. As tendências na interação soviética com a Síria foram bem complicadas durante o período pós-1973. A URSS manteve níveis aproximadamente constantes de cooperação nos campos econômico e militar. No político, entretanto, dirigiu mais mensagens conflituosas e cooperativas para a Síria do que no período 1963-1973. Além disso, Moscou deixou cair a níveis desprezíveis seus sinais cooperativos no campo cultural-científico-tecnológico. A Síria, por sua vez, manifestou, no campo político,

durante o período após 1973, quase o mesmo nível de comportamento conflituoso para com a URSS, que havia tido durante a década anterior, mas seu comportamento cooperativo nesse campo caiu notavelmente. O nível médio anual de comportamento cooperativo sírio para com a URSS no campo militar permaneceu bastante firme, mas decresceu nos campos econômico e cultural.

A interação da China com a Síria caiu precipitadamente no período pós-1973. De fato, foi virtualmente inexistente.

As interações EUA-Síria, à guisa de comparação, sofreram mudanças mais complexas que as sírio-chinesas e menos que as sírio-soviéticas no período desde 1973. Os Estados Unidos focalizaram sua atenção no campo político e (em menos extensão) no econômico nos últimos anos. Em ambas as áreas, reduziram seu comportamento conflituoso e aumentaram o cooperativo durante o período pós-1973. A última tendência foi particularmente pronunciada no campo econômico. A Síria, por sua vez, dirigiu menos mensagens conflituosas e mais cooperativas, no campo político, para os Estados Unidos durante o período desde 1973 do que no de 1963-1973. Embora o nível de seus sinais no campo econômico tenha permanecido bastante baixo, o nível dos cooperativos que enviou aos Estados Unidos foi em torno do dobro nos anos pós-1973.

A respeito do Iraque, os níveis de interação da União Soviética e da China foram relativamente baixos durante o período desde 1973, exceto no campo econômico. Neste, contudo, foram de alguma consequência, especialmente quanto à URSS. Na verdade, os níveis de comportamento cooperativo soviético para com o Iraque, e vice-versa, cresceram apreciavelmente. As interações EUA-Iraque durante o mesmo período foram geralmente mais baixas em magnitude do que as URSS-Iraque ou China-Iraque. O campo político apresentou a maior exceção. O Iraque enviou um nível bastante alto de mensagens políticas conflituosas para os Estados Unidos. Deve ser salientado, a despeito disso, que as interações conflituosas e cooperativas entre os dois países tenderam a cair durante os anos pós-1973, se comparadas com as da década precedente.

No caso de Israel, a incidência de interações conflituosas com a URSS e a China caiu no período desde 1973. Além disso, Moscou até aumentou ligeiramente seus sinais cooperativos, embora Israel não tenha respondido deste modo. De uma maneira geral, as interações conflituosas e cooperativas ficaram confinadas ao campo político, mas Israel deu alguma atenção ao militar, na medida em que a URSS estivesse nele participando. Geralmente, Israel esteve envolvido mais profundamente com a URSS do que com a China.

Como era de esperar, a magnitude das interações de Israel com os Estados Unidos superou vastamente as que teve com a URSS e China, no período pós-1973. As tendências da interação, entretanto, apresentaram algumas características interessantes, particularmente se comparadas com as relacionadas com as da URSS. Houve um crescimento pronunciado em todas as frentes no comportamento conflituoso dos Estados Unidos para com Israel e vice-versa. Ao mesmo tempo, o nível de comportamento cooperativo de parte dos Estados Unidos cresceu de maneira significativa nos campos político e militar, e, de parte de Israel, no campo político.

Por fim, antes da destituição do Xá, no início de 1979, as interações da China com o Irã permaneceram num nível desprezível durante o período após 1973 e as da URSS com o Irã, embora de conseqüências substancialmente maiores do que no caso chinês, tenderam a declinar. Somente no campo econômico as interações soviético-iranianas permaneceram razoavelmente estáveis, com uma magnitude de alguma importância.

Em contraste, as interações EUA-Irã foram bastante intensas, mas de natureza complexa durante os anos pós-1973. Os Estados Unidos enviaram com abundância mensagens cooperativas para o Irã e elas cobriam todos os quatro campos de atividade. Houve, entretanto variações nas tendências dos diferentes campos. Embora após 1973, os sinais médios anuais nos campos político e cultural permanecessem mais ou menos constantes quando comparados com os do período 1963-1973, os do campo militar aumentaram 100%, e os do econômico caíram aproximadamente 50%. Quanto ao comportamento do Irã para com os Estados Unidos, este incorporou muito mais elementos de conflito do que possuía antes. Isto aflorou essencialmente nos campos político e militar. O nível dos sinais cooperativos permaneceu aproximadamente o mesmo, exceto no campo econômico, onde ele saltou para cerca de três vezes mais.

FALHAS SOVIÉTICAS E CHINESAS

Ao voltar agora para a segunda grande razão da redução dos papéis dos soviéticos e chineses no Oriente Médio nos últimos anos, é positivamente claro que nem a URSS nem a China despuzeram-se a demonstrar aos povos do Oriente Médio que eram criticamente importantes para as necessidades da região. As situações em relação ao conflito árabe-israelense e ao desenvolvimento local proporcionam os exemplos mais evidentes, de modo que vamos observar cada um brevemente.

O Conflito Árabe-israelense. Para começar, é essencial reconhecer que este conflito tem muitas dimensões. Em um nível, é um conflito entre estados com aspectos regionais, estratégicos e globais. Em termos regionais, naturalmente, envolve os países árabes e Israel. Como, porém, o Oriente Médio tem uma significação estratégica maior, que deriva de seu petróleo, suas características geopolíticas de seus mercados, as duas superpotências também vieram a se envolver no conflito. Este fato teve duas conseqüências. Por um lado, a rivalidade entre os Estados Unidos e a URSS complicou seriamente as relações intra-árabes e árabe-israelenses. Não somente os árabes se cindiram em campos opostos durante o período de guerra fria intensa entre as superpotências — produzindo assim suspeita e hostilidade crescentes entre eles próprios — mas, também, a guerra de propaganda entre a OTAN e as forças do Pacto de Varsóvia alcançou o Oriente Médio e aumentou a guerra verbal entre os estados árabes e Israel. Por outro lado, as superpotências forneceram a seus respectivos clientes na região armas sofisticadas e apoio moral e político, e os desequilíbrios no grau de respaldo concreto que os dois lados ofereceram precipitaram

às vezes, a guerra dentro do Oriente Médio⁸. Ao lado das superpotências, uma variedade de outros países se viu envolvida no conflito de uma maneira ou de outra, já que a tendência deste foi extravasar sobre as relações dos estados do Oriente Médio com as nações fora da região. Esta situação acresceu-se à complexidade do conflito⁹.

O número de participantes primários e secundários, bem como os muitos objetivos incompatíveis e reivindicações competitivas sobre os mesmos recursos humanos e materiais tenderam a desencorajar um envolvimento criativo visando a conseguir a solução para o conflito¹⁰. Assim, este mostrou um caráter de ação-reação que facilitou a escalada e a guerra e inibiu a cooperação e a estabilidade¹¹.

Num segundo nível, o conflito árabe-israelense é uma disputa entre grupos sociais competindo pela primazia ideológica e nacional dentro de um certo território. Embora ambos os lados tenham se inclinado a rotular o conflito como uma disputa territorial, sobre a terra da Palestina, cada um, a despeito disso, tem admitido que a disputa é mais fundamentalmente um choque étnico e social. Este atributo tem muitas implicações importantes sobre o significado e a qualidade da coexistência e da sobrevivência no Oriente Médio¹².

Conflitos do tipo precedente exibem um certo número de traços comuns. Eles tendem a se estender por um grande período de tempo. São marcados por flutuações na frequência e intensidade das hostilidades. Extravasam sobre outras atividades inter e intra-estados (ou inter e intra grupos). E não tem um fim claro e dis-

- 8) Ver W.R. Polk, *The United States and the Arab World*, Cambridge, M.A. Harvard University Press, 1975; Fred Kouri et al, *Elusive Peace in the Middle East*, Albany, NY, SUNY Press, 1975; Jon Glassman, *Arms for the Arabs: The Soviet Union and war in the Middle East*, Baltimore, MD, Johns Hopkins Press, 1975; Leo Heiman, *Moscow Export Arsenal: "The Soviet Bloc and the Middle East Arms Race"*, *East Europe* (New York, NY), May 1964; J. C. Hurawitz, *Changing Military Perspectives in the Middle East*, Santa Monica, CA, The Rand Corporation, 1970; Dale K. Tahtinen, *Arms in the Indian Ocean: Interest and Challenge*, Washington, DC, American Enterprise Institute, 1977.
- 9) Ver Mohamed Heikal, *The Road to Ramadan*, New York, NY, Quadrangle Books, 1974; Nadav Safran, *From War to War: The Arab-Israeli Confrontation: 1948-1967*, Pegasus Press, 1969; Mohammed Sid-Ahmed, *After the Guns Fall Silent*, London, Groves Helm, 1970.
- 10) Ver Edward E. Azar et al, "Protracted Social Conflict in the Middle East", *Journal of Palestine Studies* (Kuwait University), Autumn 1978, pg 41-60; Barry Blechman, "The Impact of Arab-Israeli Reprisals on the Behavior of the Bordering Arab Nations Directed at Israel", *Journal of Conflict Resolution* (Ann Arbor, MI) June 1972 pg 155-82.
- 11) Ver P. Jureidini e William Hazen, *The Palestinian Movement in Politics*, Lexington, MA, Lexington Books, 1976; Walter Laqueur, *Confrontation*, New York, NY, Bantam Books, 1974.
- 12) Ver Noam Chomsky, *Peace in the Middle East?* New York, NY, Vintage Books, 1972; Y. Harkabi, *Arab Attitudes Toward Israel*, Jerusalem, Israel Universities Press, 1971; Y. Harkabi, *Palestinians and Israel*, Jerusalem, Keter Publishing House, 1974; S. Yassin, *Arab Personality: Arab vs Israeli Perspectives*, Cairo, Centre for Political and Strategic Studies, 1974.

tinto. À luz destas características, tais conflitos são mais bem considerados como *conflitos sociais prolongados*¹³.

A URSS e a China, contudo, abordaram o conflito árabe-israelense fundamentalmente no nível interestatal, dando pouca atenção às suas dimensões étnicas e sociais. Isto foi particularmente verdadeiro quanto à URSS, cujo envolvimento no conflito sistematicamente obscureceu o da China. Ao tratar do conflito, Moscou, geralmente tentou agir no sentido de um ajuste aceitável essencialmente para seus amigos e não para todas as facções interessadas. Ao mesmo tempo, procurou refrear os ressentimentos árabes e israelenses e evitar que escalassem para uma guerra declarada. Além disso, quando as hostilidades realmente se desencadeavam, a URSS, desejando evitar o conflito com os Estados Unidos, de uma maneira geral movimentou-se para consultá-lo sobre os métodos de desescalar a disputa regional. Moscou nunca tentou dirigir-se às causas básicas do conflito e sempre viu a tranquilidade regional como mera ausência de hostilidades abertas, algo a ser conseguido por simples arranjos diplomáticos. Foi somente no período pós-1973, com efeito, que os Estados Unidos começaram a tratar seriamente do conflito árabe-israelense, de uma maneira diferente daquela que a URSS havia utilizado. Esta mudança na abordagem, porém, já produziu alguns frutos importantes. Esta combinação de fatores, por sua vez, ajudou a salientar as desvantagens da abordagem soviética e, deste modo, a reduzir o papel soviético na região.

Desenvolvimento regional. Aqui, novamente, necessitamos partir de uma base conceitual apropriada. Vários escritores têm definido desenvolvimento em termos de crescimento econômico, de participação política e de transformação nos valores globais da sociedade. No contexto do Oriente Médio, porém, é útil pensar em desenvolvimento de um modo um pouco diferente. Isto é, o desenvolvimento como o processo pelo qual uma comunidade se organiza para tratar com a mudança no meio físico ou social de modo a obter o máximo benefício para si. É um processo por meio do qual a qualidade de vida física e psicológica de indivíduos e grupos é melhorada por encorajamentos simultâneos do crescimento, da redução das desigualdades e da contenção do conflito. Ele reduz a "defraudação estrutural", ou a condição de desigualdade e desequilíbrio, que emergiu como um sub-produto das tendências históricas dentro de um sistema social específico¹⁴.

Esta noção de desenvolvimento retira sua particular significação da natureza dos dois problemas mais notáveis do Oriente Médio: (a) pobreza e desigualdade econômica e (b) "defraudação" social e étnica. Em relação às dimensões do primeiro destes problemas, é suficiente observar que a maioria dos países da região têm

13) Azar et al, op. cit.

14) Para discussão posterior deste conceito de desenvolvimento, ver J. Galtung, "A Structural theory of Aggression", *Journal of Peace Research* (Oslo), Vol 1, nº 1, 1964, pg 95-119; idem, *Feudal Systems, Structural Violence and the Structural Theory of Revolution*, *Proceedings of the Third Conference of the International Peace Research Association*, Universitetsforlaget 1970.

renda "per capita" menor que 1.000 dólares. Somente em Chipre e Israel, no Irã, Iraque, Covaite e Oman, e na Arábia Saudita esta cifra é superior e, em Chipre, e no Irã e Iraque ela fica aquém de 2.000 dólares¹⁵. Obviamente, o prolongado conflito árabe-israelense, distraíndo recursos escassos em investimentos militares, constituiu um severo impedimento à melhoria deste estado de cousas. Na verdade, os efeitos do conflito foram tão difusos que é quase impossível medir seus reais custos econômicos e desvios de recursos.

Quanto ao segundo problema, é importante lembrar que a história tem castigado o Oriente Médio com uma variedade de dissensões e diferenças de pontos de vista. Estas causaram não somente o conflito árabe-israelense e as lutas contra o domínio econômico do Oeste, mas também competição entre classes sócio-econômicas, conflitos entre facções do mesmo grupo religioso geral (notavelmente no Islam), choques entre os maiores grupos religiosos (tais como entre cristão e islamitas no Líbano), batalhas entre os muitos grupos étnicos da região e conflitos originários de relações políticas anteriores mesmo ao Império Otomano.

Conseguir o desenvolvimento no sentido de enfrentar estes problemas é uma empreitada enormemente complexa. De fato, ela se tornou tão complicada nos últimos anos que desafia seu manejo apenas pelos regimes locais do Oriente Médio. Etnicidade e política religiosa exercem uma força poderosamente crescente na vida diária da região e ameaçaram o consenso nacional e a claridade ideológica dos primeiros tempos. Os problemas econômicos de crescimento e distribuição bem como as tensões produzidas pelo crescimento exponencial da população estão principian-do a assumir proporções esmagadoras. Terrorismo e instabilidade não são novidade, mas atingiram níveis especialmente contristadores ultimamente. Os avanços tanto na tecnologia da comunicação como nas outras, produziram, de fato, surpreendente difusão e elevação da eficiência do terrorismo político e industrial. Em tais circunstâncias, os países do Oriente Médio tem necessitado uma crescente assistência das potências externas — a despeito da acentuada influência dos estados produtores de petróleo na arena global.

Nem a URSS, nem a China, todavia, têm sido particularmente prestativos, de maneira relevante, aos governos locais. Por exemplo, embora a ajuda econômica soviética e chinesa ao Oriente Médio nunca tenha assumido proporções vultosas, ela se tem revelado bastante sovina comparada com a ocidental, e principalmente a americana, desde o início dos anos 1970. Algumas estatísticas comparativas ilustrarão o assunto. Durante o período 1954-73, a China concedeu 421 milhões de dólares de crédito aos estados do Oriente Médio e a URSS, 3 bilhões e 816 milhões. Durante os anos 1974-77, as cifras foram de 25 milhões para a China e 999 milhões para a União Soviética. De 1953 a 1974, os Estados Unidos forneceram mais de 6,5 bilhões de dólares em ajuda econômica aos países do Oriente Médio. E só em 1975-77, o total foi cerca de 4,1 bilhões. O contraste nas dimensões da assistência econômica de soviéticos e ocidentais tem sido especialmente chocante em vista dos altos

15) United Nations, Statistical Yearbook, 1977, New York, NY, 1978.

níveis de ajuda militar soviética aos países do Terceiro Mundo, muitos dos quais no Oriente Médio¹⁶.

Ademais, a qualidade da assistência que a URSS e a China têm oferecido não poucas vezes deixou algo a desejar. A União Soviética, por exemplo, tem sido bastante insensível às peculiaridades da região do Oriente Médio. Enquanto ela foi apenas supridora em grande escala de infra-estrutura física e tecnológica que exigisse poucas adaptações a ambientes específicos, foi bastante efetiva em satisfazer às necessidades do Oriente Médio, mas quando os projetos requeriam alguma atenção ao meio local, e particularmente naqueles que exigiam algum balanço das implicações sociais, revelou-se grandemente mal sucedida.

Estes fatores produziram uma certa dose de desilusão com a URSS e a China, no Oriente Médio. Tiveram assim um impacto sobre o declínio dos papéis das duas potências comunistas na região.

PERSPECTIVAS

Que implicações tem, então, a análise anterior sobre o futuro? Para início de conversa, seria um erro palmar pensar que alguém pode automaticamente projetar a situação presente no período imediatamente à frente. Como vimos, o declínio dos papéis soviéticos e chinês no Oriente Médio resultou de transformações no sistema político internacional e de falhas por parte de Moscou e Pequim, e ninguém pode excluir inteiramente a possibilidade de mudanças ulteriores no sistema político global ou modificações nas atitudes soviéticas e chinesas que eliminem alguns dos problemas que encontraram na região.

A despeito disso, a probabilidade de tais alterações do presente estado de coisas nos próximos cinco ou dez anos parece bastante baixa. O principal catalisador para uma mudança no sistema político mundial seria provavelmente uma abrupta deterioração das relações EUA—URSS que, embora isto não seja em absoluto impensável, parece ter uma possibilidade bastante remota no momento. Quanto a mudanças nas atitudes soviéticas e chinesas, isto representaria grandes revisões em objetivos, interesses e políticas a respeito da região. Tais revisões são concebíveis, mas não prováveis. Tudo em conjunto, parece provável que a influência da URSS e da China no Oriente Médio não aumentará significativamente no futuro previsível. Na verdade, seus papéis na região podem até diminuir mais.

16) Compilado de Carol H. Fogarty, "China's Economic Relations with the Third World" in US Congress, Joint Economic Committee, *China: A Reassessment of the Economy*, Washington DC, US Government Printing Office, 1975, pg 32; Orah Cooper, "Soviet Aid to the Third World" in US Congress, Joint Economic Committee, *Soviet Economy in a New Perspective*, Washington, DC, US Government Printing Office, 1976, pg 195; US Central Intelligence Agency, *Communist Aid to Less Developed Countries of the Free World*, 1977, ER-10478U, Washington, DC, November, 1978; US Agency for International Development *US Overseas Loans and Grants and Assistance from International Organizations, Obligations and Loans Authorizations*, July 1, 1945 — September 30, 1977, Washington, DC, sem data.